A CARACTERIZAÇÃO DO PURITANISMO EM *YOUNG GOODMAN BROWN*, DE NATHANIEL HAWTHORNE

Regiane Gomes de Almeida[1]

Elis Regina Fernandes Alves[2]

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o conto *Young Goodman Brown* (1835), de Nathaniel Hawthorne, sob o viés de literatura e sociedade. Analisa-se a configuração do protagonista e dos demais personagens puritanos e como internalizam e externalizam os preceitos da religião seguida, ou como apenas fingem fazê-lo. Para tanto fez-se um estudo bibliográfico de cunho qualitativo, a respeito da obra que constitui o corpus do trabalho, bem como a respeito da realidade histórico e social do Puritanismo, a fim de contextualizar a obra e tema desenvolvido no conto, além do aporte teórico em literatura e sociedade com autores Candido (2000), Karnal (2010), Goldmann (1976), Tadié (1992), dentre outros. Conclui-se que enquanto Goodman Brown internalizara de fato os preceitos positivos do puritanismo, os demais personagens pareciam apenas fingir acreditar na religião, encontrando-se com o diabo em atividades noturnas. Embora Goodman não saiba se de fato eles comungavam com o diabo, a dúvida abala sua fé permanentemente.
Palavras-chave: Puritanismo, Nathaniel Hawthorne; Literatura e sociedade.

Abstract: This paper aims to analyze the short story *Young Goodman Brown* (1835), by Nathaniel Hawthorne, under the light of literature and society. The protagonist and other Puritan characters are analyzed and also how they internalize and externalize the precepts of the religion followed, or how they only pretend to do it. So, it was done a qualitative bibliographical study, as well as on the historical and social reality of Puritanism, in order to contextualize the work and the theme developed in the story, in addition to the theoretical contribution in literature and society with authors such as Candido (2000), Karnal (2010), Goldmann (1976), Tadié (1992), among others. It is possible to say that that while Goodman Brown really internalized the positive precepts of Puritanism, the other characters seemed only to pretend to believe in religion, meeting the devil at night. Although Goodman does not know if they really communed with the devil, the doubt shakes his faith permanently.
Keywords: Puritanism, Nathaniel Hawthorne; Literature and society.

Introdução

Tendo como ponto de partida o conto *Young Goodman Brown* (1835) do escritor norte-americano Nathaniel Hawthorne sob a caracterização do puritanismo no conto, observam-se questões sociais envolvendo o homem puritano norte-americano e a própria história do puritanismo.

Surgido em um período em que a Europa vivia momentos de revolta política e religiosa contra o poder da igreja Católica, reforçado ainda pelo fato de o rei Henrique VIII ter criado a Igreja Anglicana, o Puritanismo tem suas raízes na fé cristã e nasce como um meio de tentar evitar que a Igreja Anglicana perdesse os ideais promulgados quando

[1] Aluna do Curso de Letras do IEAA- UFAM

[2] Professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

de sua criação e afastamento da Igreja Católica. Desenvolvido na Inglaterra no século XVI, o Puritanismo responde aos anseios de uma comunidade desejosa de um tipo de expressão religiosa que fosse mais restritiva e rigorosa, por isso muitos seguidores, sendo perseguidos na Inglaterra, partiram para a chamada Nova Inglaterra, nos Estados Unidos da América, numa tentativa de professar sua fé livremente.

Dessa forma, busca-se com nesse trabalho analisar de que forma os cristãos puritanos dentro do conto analisado internalizam e externalizam os preceitos da religião seguida, e como esses preceitos são vividos pelos cidadãos puritanos da Nova Inglaterra. O objetivo é verificar a caracterização do protagonista, Goodman Brown como um cristão puritano fiel, em comparação com os demais personagens da obra, cuja fidelidade aos preceitos puritanos é colocada em xeque. O viés de análise é a relação da literatura com a sociedade, por isso analisa-se também o contexto do puritanismo na Nova Inglaterra na época de acontecimento da trama, século XVII, buscando entender como os personagens do conto vivem ou apenas fingem viver a fé puritana.

A metodologia utilizada será pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, utilizando como base teórica a teoria de Literatura e Sociedade de Antonio Candido e outros autores que no decorrer do trabalho serão devidamente citados, para que possam contribuir da melhor forma possível para o bom desenvolvimento do trabalho.

1. Referencial teórico

1.1. O Puritanismo

Autorizados por Elizabeth I, durante 1584, 1585 e 1587, deu-se a colonização da América. Mas, os europeus não foram os primeiros a pisar em território americano, já haviam passado por lá outros a serviços de seus respectivos países como França e Espanha, que por sinal deixaram marcas bastantes visíveis nas terras desconhecidas.

> Navegadores como Verrazano, a serviço da França, Ponce de Leon, a serviço da Espanha, e muitos outros já tinham pisado no território que viria a ser chamado de Estados Unidos [...] foram trazidas doenças novas como o sarampo e a gripe, que causaram milhares de vítimas entre os povos nativos, absolutamente despreparados para esse contato biológico. (KARNAL, 2010, p.40).

A partir disso foram se formando colônias de gente vindas tanto da Inglaterra como de outros Países, que vinham em busca de riquezas, enviavam pessoas de classe média baixa e órfãos para povoar as regiões recém descobertas, mas as colônias não eram formadas apenas por pobres e órfãos, houve também grupos religiosos que vieram fugidos

da Inglaterra em busca de novos horizontes e espaço para praticar seus ensinamentos e fincar suas crendices. “A perseguição religiosa era uma constante na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. A América seria um refúgio também para esses grupos religiosos perseguidos. ” (KARNAL, 2010, p.46). Por tais motivos originou-se a migração desses grupos religiosos da Inglaterra para a América. Tais grupos religiosos tinham o propósito de criar uma instituição com leis e regras justas e iguais para todos, o que ficou conhecido como “Mayflower Compact” (foi criado a bordo no Navio *Mayflower*).

Os Puritanos tinham a ideia de que eram um povo escolhido por Deus por terem passado por muitas dificuldades e tendo chegado ao Novo Mundo faziam referências aos povos que estavam relatados na bíblia, passaram a se portar como os justos e abençoados por Deus. “A idéia de povo eleito e especial diante do mundo é uma das marcas mais fortes na constituição da cultura dos Estados Unidos”. (KARNAL, 2010, p. 47). Com esse pensamento criavam leis, empunham regras e começavam uma organização onde a tolerância era sinal de obediência, sempre baseados na bíblia e principalmente nos textos traduzidos pelo rei James.

Baseando-se nas tradições de Lutero e Calvino, o puritanismo tinha como forte a ideia da predestinação entre o grupo, e com base nesses preceitos começaram a exercer grande controle sobre a vida das pessoas, pregando sempre a coletividade, sendo que um erro afetaria não só a um indivíduo, mas a todo o grupo. Essa ideia era bastante controladora, uma vez que as pessoas eram totalmente desprovidas de conhecimentos passando a acreditar e seguir os rumos que o puritanismo pregava.

Os Puritanos (Protestantes Calvinistas) passaram a exercer grande dominância nos territórios em que atuavam, principalmente no campo relacionado à Educação, mas seus objetivos estavam sempre voltados para o ensino da religião. Embora a educação fosse uma de suas grandes preocupações, a mesma não era feita de forma igualitária, pois para mulheres, pobres, negros e indígenas a alfabetização não chegava, ou seja, somente tinham direito a educação homens brancos e ricos.

> O grande interesse pela educação tornou-se as 13 colônias uma das regiões do mundo onde o índice de analfabetismo era dos mais baixos. Apesar das variações regionais (o sistema educacional da Nova Inglaterra era melhor do que em outras áreas) e raciais (poucos negros eram alfabetizados), as 13 colônias tinham um nível de educação formal bastante superior à realidade dos séculos XVII e XVIII, seja na Europa ou no restante da América. Ainda assim, é inegável que havia mais alfabetizados brancos homens e ricos do que mulheres, negros, indígenas e pobres. (KARNAL, 2010, p. 50).

É evidente que nem todas as regras e leis firmadas sob o *Mayflower* estavam sendo cumpridas, pois percebemos o quanto eram injustas as formas de educação, sendo que pobres, negros e mulheres não eram alfabetizados. Isso é muito significativo, uma vez que suas principais bases de argumentos e regras de convivência estavam baseadas em escrituras bíblicas. Os Puritanos eram movidos por interesses e posições, suas leis não eram justas e muito menos igualitárias.

Seus interesses iam além da pregação do evangelho, pois passaram a acreditar que a igreja deveria dispor de poder civil perante a sociedade, estabelecendo com isso que somente integrantes da igreja poderiam exercer poder público e votar. Passaram a exigir uma maior participação dos membros da igreja nas reuniões, obrigando cada um a cumprir seus deveres de protestantes. Embora criticassem os ideais católicos, com tais atos passaram a ser comparados ou se aproximavam das formas como a igreja católica atuava na sociedade. Campus (2008) assim define o puritanismo:

> Para o senso comum o termo puritanismo está relacionado a questões sexuais. É preciso afirmar uma ampliação de sentido: a prática do ascetismo intramundano ou ética puritana não se resume à rejeição dos prazeres sexuais, puritanismo não é somente sexo. Também não é somente honestidade, embora o puritanismo seja mesmo um conjunto de moralidades que inclui a honestidade como um de seus frutos mais maduros. Também não é somente respeito à propriedade privada, vida religiosa, defesa da família nuclear, apologia das guerras justas, afastamento do gozo estético, limitação da reflexão e do livre pensamento, incentivo ao trabalho, frugalidade e economia. (p.3).

O puritanismo vai muito além disso, pois como já citado acima, os puritanos, ao chegar no Mundo Novo, começam a se organizar e montar uma organização político civil, para que assim pudessem ter mais autonomia e poder de governo. Dessa forma, o puritanismo tem como maior marca de sua doutrina a "rejeição do mundo", mas ainda assim para Antônio Gouvêa Mendonça (1984, p.37) apud Campus " Não se pode (...) com exatidão dar uma definição do puritanismo. É um modo de ser, de ver os homens e as coisas sob o prisma da fé religiosa. É, essencialmente, um modo de viver." (2008, p. 3-4). Ou seja, o homem e o mundo eram vistos sob o prisma de determinada fé religiosa. O puritanismo pode ser visto como um perigo ao ser, pois este impede que o homem veja o mundo fora da visão e dos dogmas do puritanismo, deixando-o, dessa forma, com medo e anseios por descobrir o diferente, ou aquilo que vai além das lentes puritanas.

O pecado e as ações fora dos preceitos pregados pela religião puritana eram tidos como sinal de impureza e corrupção imperdoável, uma vez que suas orientações eram

dadas e retiradas da bíblia que, segundo eles, adeptos dessa congregação era o único meio fiel e puro no qual o homem deveria se basear, pois nela estavam todas as orientações para se ter uma vida pura, honesta, sem pecados e dentro de perfeitas condutas morais.

2. A Teoria da Literatura e Sociedade

Em primeiro lugar a literatura deve ser compreendida como uma necessidade em nossa vida, pois é através de sua expressividade que conseguimos manifestar nossos desejos e ideologias, portanto podemos dizer que a teoria da literatura e sociedade é o estudo e a sistematização da Literatura como área do conhecimento. Com isso, não podemos dizer simplesmente que um texto literário é bom por nos agradar e sim por que "[...] é bem escrito, porque trabalha a linguagem de forma criativa, porque utiliza "os aspectos em branco" (interstícios) para enriquecer as possibilidades de leitura etc." (SILVA, 2003, p.123). Portanto, a teoria da literatura e sociedade vem analisar essa conexão entre o texto e o social, investigando a relação entre ambos.

E para isso é importante que saibamos que nenhuma criação literária é feita fora de uma tal sociedade que possa ser ilustrada e representada de acordo com suas particularidades e diferenças, de forma coesa e coerente, englobando outros fatores que possibilitem uma melhor compreensão dos assuntos abordados. Assim entende Silva (2003) ao afirmar que é preciso:

> [...] pensar a literatura como um fenômeno diretamente ligado à vida social. Em outras palavras, a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da inspiração do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. (p.123).

Por isso dá-se grande importância a autores que pensam a literatura como um fenômeno diretamente ligado à vida social, que levam em consideração o contexto social, pois a maior parte das obras literárias não se encontram dissociadas de seu contexto social. Desta forma pode-se dizer que de acordo com Silva (2003, p.123) a "crítica sociológica é aquela que procura ver o fenômeno da literatura como parte de um contexto maior." Partindo desse ponto, podemos dizer que sua abrangência vai muito além daquilo que o autor quis dizer quando produziu sua obra literária, pois esta está englobada em um contexto coletivo, social, vivo, em constante mutação. Ou seja, podemos dizer que a

literatura de certa forma pode mostrar a realidade vivida pela sociedade, denunciar situações vividas por determinada sociedade em dado momento, conforme entende Silva:

> Barberis (1996) diz que o papel da crítica sociológica é, justamente, fazer com que cada leitor comece a observar o mundo que nos cerca e perceba, aos poucos, que os nossos hábitos, crenças e valores não surgiram "naturalmente", nem são eternos. A partir daí, começamos a entender que muito daquilo que nós julgamos "verdade absoluta" não é bem assim; que a sociedade que nos cerca já foi diferente do que é hoje, e que pode e deve mudar ainda mais; que muitas das coisas que julgamos impróprias não são erradas, mas apenas condenadas pelo estado atual dos valores sociais. Ao percebermos o quanto a nossa própria consciência do mundo é manipulada por idéias que não são "verdades", mas apenas convenções arbitrárias, nós nos tornamos mais fortes e aptos a agir positivamente no mundo em que vivemos. (2003, p.124).

Neste caso deve-se ter bastante atenção na interpretação do que se lê, pois nem todo texto é digno de confiança em retratar a verdade sobre determinada sociedade e situação vivida, uma vez que o mesmo pode estar na maioria das vezes tentando pregar valores de seu tempo. Por isso a crítica literária atua de forma crítica e conscientizadora, fazendo com que o texto literário seja visto de forma mais abrangente, uma vez que "[...] a literatura não reflete a realidade social apenas na descrição dos ambientes [...]. O texto passa a refletir o todo social, a maneira como a própria sociedade está montada e organizada. " (SILVA 2003, p. 125). Dessa forma podemos observar na literatura através de um viés diferente como a sociedade é organizada, com seus costumes e tradições, e como os personagens internalizam em sua psicologia essas realidades sociais que os cercam.

Sendo assim, a literatura nos proporciona grandes descobertas, através dela podemos ver mundos diferentes assim como na análise feita por Bakhtin citado por Silva sobre a carnavalização: "Através da carnavalização, a literatura nos mostra a Alteridade, que é todo e qualquer modo de pensar, sentir e ver o mundo que não seja exatamente igual ao nosso". (2003, p. 129). Tais experiências nos possibilitam, além de imaginar um mundo diferente do nosso, também compartilhar e trocar conhecimento, uma vez que: "O "eu" se constrói exatamente numa relação de oposição/complementaridade com o Outro. Enxergar o ponto de vista do Outro é uma forma de Diálogo". (SILVA, 2039, p.129). E é através desse diálogo que se constroem identidades. Dessa forma, a analise literária está diretamente ligada à essa construção, uma vez que a mesma investiga as várias formas de interação dos seres. A teoria da literatura e sociedade busca de certa forma entender como

se relacionam os elementos internos e externos de uma tal sociedade, uma vez que ambos dependem dos mesmos fatores e meios para terem sentido. Segundo Candido:

> [...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. (CANDIDO 2000, p.5-6).

Do citado acima fica claro entendermos que na maioria dos casos é difícil a compreensão de determinado texto sem que este esteja dissociado de um contexto, sendo assim é dessa forma que o elemento externo torna-se interno, pois o social não é só mera figura representativa dentro da obra, ela mais que isso, é constituinte da estrutura formal do contexto, tornando-se dessa forma um elemento imprescindível para tal composição.“[...] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 2000, p. 6). Tal processo será bem mais compreendido com a análise do conto a ser trabalhado, uma vez que poderemos perceber de que forma o personagem internaliza suas convicções externas, depois de descobertas que abalam sua crendice, ou seja, tudo em que ele acreditava e vivia internamente passa a ser externo, pois deixa de acreditar.

O texto literário não é um fiel retrato da realidade, dessa forma não serve para justificar tal meio, o meio social só se torna relevante quando é uma parte interna que integre e qualifique a narrativa. A literatura é um objeto social muito especifico porque nela há a criação de um sistema social especifico, que é construído a partir de fatores externos, para que este externo social desempenhe um papel na estruturação para a compreensão da obra, tornando-se assim interna. Tal processo é possível de ser compreendido quando os fatos evidenciados atrelam-se aos reais internalizados, de forma a fazer entender que o social está intimamente ligado ao interno, de forma que o elemento social seja levado em conta a fazer-se parte importante de determinado conteúdo.

> A sociedade existe antes da obra, porque o escritor está condicionado por ela, reflete-a, exprime-a, procura transformá-la; existe na obra, na qual nos deparamos com seu rastro e sua descrição; existe depois da obra, porque há uma sociologia da literatura, do público, que, ele também, promove a literatura, dos estudos estatísticos à teoria da recepção. (TADIÉ, 1992, p.163).

Neste caso podemos entender que na obra literária há uma sociedade que nunca será a mesma sociedade que existe fora da obra, pois o objetivo da literatura não é retratar a mesma, mas o que há na obra literária é a construção de uma sociedade que reflete a outra externa à obra, mas que segue seus próprios padrões.

> Os personagens desenvolvem-se não segundo a vontade do autor, mas segundo "a dialética interna de sua existência social e psicológica". Tudo isso levanta o problema da "visão do mundo" do escritor: suas "idéias" constituem o nível superficial desta; no nível profundo encontram-se "os grandes problemas da época e os sofrimentos do povo", que se exprimem por intermédio dos personagens. (TADIÉ, 1992, p.167).

Com isso, podemos entender que na maioria dos escritos literários tem-se uma ideia a ser transmitida e que o autor não as escreve de forma avulsa, mas sim com um certo intuito, é o que podemos perceber quando Tadié (1992) diz que "O que constitui o romance não é o amontoado de pequenos detalhes históricos, mas a profundidade com que a crise é vivida [...]" (p.168). Ou seja, mais vale o relato de pequenos fatos que tratem ou que descreva o verdadeiro estado tanto de espírito como o físico do que a narrativa de grandes detalhes com pouca importância, dessa forma Tadié (1992) comenta que:

> Goldmann, a partir de 1947, formula um postulado sobre o qual não variará, e que serve de base a seu método: "Para o materialismo histórico, o elemento essencial no estudo da criação literária reside no fato de a literatura e a filosofia serem, em planos diversos, expressões de uma visão do mundo e de as visões do mundo não serem fatos individuais, mas, sim, sociais [...]. (p.173).

A literatura vem do social, seu principal objetivo é investigar como a teoria literária pode fazer com que o social seja um meio de comunicação entre seres no plano social. Tais visões se fazem então associadas e nos colocam diante de situações que emergem da investigação entre o problema da forma e da estrutura, onde surge tal romance como gênero literário, uma vez que se tem agora o problema do gênero literário e a sociedade moderna individualista, sendo assim Goldmann (1976) salienta que:

> [...] o romance caracteriza-se como a história de uma pesquisa de valores autênticos de um modo degradado, numa sociedade degradada, degradação que, no tocante ao herói, manifesta-se principalmente pela midiatização, pela redução de valores autênticos ao nível implícito e ao seu desaparecimento enquanto se apresentem como realidades manifestas. É evidente que se trata de uma estrutura particularmente complexa, e seria difícil imaginar que ela pudesse ter nascido um dia da estrita invenção individual, sem fundamento algum na vida social do grupo. (p.15).

Dessa forma podemos perceber que a literatura é a transposição do real para a literatura por meio do romance, levando em consideração suas várias vertentes, e podemos verificar como a literatura está atrelada ao contexto social e de que forma esta atua, se individual ou coletivamente. É necessário levar em consideração a constante mutação do contexto histórico de produção literária, que ao passar dos séculos novas histórias surgem e essas devem ser levadas em consideração, como entende Tadié (1992) "A literatura, que é a transcrição e a análise, por seus próprios meios, dos conflitos resultantes da *natureza* e do *movimento* das coisas, não poderia ser examinada (...) sem referência ao quadro sócio-histórico *no* qual e *contra* o qual ela se desenvolveu. (p.183)". Assim, entende-se que a literatura está dentro de um processo histórico que busca de certa forma analisar e acompanhar essa mutação de forma a situar seus devidos campos, seja ele o de ontem ou o de hoje.

2.1. O autor e sua obra

Nathaniel Hawthorne nasceu em Salém Massachussetts no dia 04 de julho de 1804, Estados Unidos e morreu em Plymouth, Inglaterra, em 19 de maio de 1864. Considerado o pioneiro em expressar sua prosa com temas distintos da Literatura inglesa de sua época. Suas características estão basicamente relacionadas a questões geralmente suprimidos na América do século XIX, como o impacto na nova experiência democrática libertadora no comportamento individual especialmente na liberdade sexual e religiosa. (VANSPANCKEREN, 1994).

O conto passa-se em uma pequena Aldeia de Salém onde havia pessoas de grande respeito e crentes, que viviam a religião puritana de "corpo e alma", pois no decorrer da narrativa percebemos que certos dogmas e moralidades são quebrados para o jovem Goodman Brown.

Um certo dia o jovem Goodman Brown despede-se de sua esposa Faith e sai em direção à floresta, onde encontra-se com um homem cujo nome não é revelado, mas que suas características fazem com que o leitor entenda que se trata do Diabo, o mesmo possui um cajado que é a cópia viva de uma serpente. Goodman Brown passa então a ser tentado por tal homem de forma com que ele aceite o convite a juntar-se a uma reunião que irá acontecer mais adentro da floresta. A floresta está escura e sombria, Goodman Brown segue caminhando ao lado do homem misterioso até que em um momento diz que não

seguirá mais adiante, pois não seria leal da sua parte passear a noite com alguém incomum, ainda mais levando em consideração suas origens.

Goodman Brown fica alguns instantes parado e logo depois observa algumas pessoas reunidas ao redor de uma pedra, onde viu também uma luz flamejante, ele pôde ver ali naquele lugar a figura de pessoas totalmente religiosas que conhecia desde a infância, misturadas a outras figuras imorais da comunidade. Ele mal conseguia acreditar no que estava vendo até que viu sua esposa Faith, também participando daquele circo de adoradores do diabo. Goodman Brown ficou estarrecido, diante de tamanha agitação do seu corpo e espírito e, por um momento, viu-se na escuridão da noite sozinho dentro da floresta. Daí por diante, Goodman Brown passou a desconfiar de tudo e de todos pois, na manhã seguinte, não conseguiria olhar para aquelas pessoas que tinha visto na noite anterior na floresta.

Goodman Brown evitava todo e qualquer tipo de aproximação tanto com as pessoas da igreja como também de sua esposa Faith. Porém, Goodman Brown não tinha certeza se tudo aquilo havia ocorrido ou se sonhara, mas tal acontecimento foi suficiente para fazê-lo acreditar que nem tudo e nem todos eram realmente o que demonstravam ser. O jovem Goodman Brown passou o resto de sua vida desconfiando das pessoas de sua comunidade, pois tudo aquilo em que ele acreditava passou a ser agora motivo de descrença. Sua fé tinha sido abalada, sua vida estava agora sem sentido.

3. Análise do conto *Young Goodman Brown*

No conto intitulado Young Goodman Brown, de autoria de Nathaniel Hawthorne, de 1835, temos uma narrativa cheia de elementos alegóricos, que serão utilizados para melhor elucidar o que se pretende ao longo da narrativa. No conto, podemos perceber que o personagem principal é citado como um homem totalmente religioso que vivia e acreditava intensamente em sua religião puritana, que era provida de preceitos honestos e pregava a moral como sendo seu grande princípio.

Levado até a floresta para uma missão ainda misteriosa para nós, Goodman é o nome do personagem principal e é também curioso e carrega grandes significados, sendo que *Good*, em inglês, significa bom e *man* significa homem, e realmente Goodman é um bom homem. O jovem Goodman Brown deixa sua esposa Faith em casa, que também tem um nome bastante significativo, sendo que *Faith* em Inglês significa fé. Dessa forma, Goodman Brown deixa sua fé em casa e segue para a floresta em uma missão misteriosa.

Ao se despedir de sua querida esposa Faith, a qual era tida por ele como uma pessoa pura e inocente, desprovida de qualquer maldade, seu nome e suas fitas cor-de-rosa na cabeça evidenciavam muito tal impressão. Goodman Brown vê nela a verdadeira inocência, seu rosto angelical não deixava dúvidas de sua bondade. Faith deixa evidente sua tristeza com a partida do esposo. Teria ela alguma razão para pedir tão dócil e tristemente para que o esposo não fosse em sua jornada naquela noite? Teria ela alguma ideia sobre o que estaria para acontecer? Teria ela recebido um chamado? Tais questionamentos são possíveis a partir da seguinte passagem:

> "Meu amor," sussurrou ela, débil e muito tristemente, quando seus lábios estavam perto do ouvido dele, "termina o que deves fazer antes do nascer do sol e vem dormir na tua própria cama esta noite. Uma mulher solitária se vê tão tomada de sonhos e pensamentos que teme às vezes até a si mesma. Vem rezar comigo esta noite, querido esposo, como em todas as noites do ano. " (HAWTHORNE, 2004, p.174).

Com isso, percebemos que Faith demonstra ter razões ocultas para querer impedir a partida de seu esposo, de forma que nos levanta certos questionamentos, será possível que Faith sabe o que está para acontecer à noite? Ou será que Faith, a esposa exemplar, pura e inocente, está com medo de não resistir às tentações da noite? Esses são alguns dos questionamentos possíveis de se fazer com relação a Faith não querer a partida de seu esposo.

Ao olhar pela última vez a esposa depois da despedida, Goodman Brown começa a pensar em quão tamanha era a sua covardia em deixar sua inocente esposa sozinha para seguir adiante em tal empreendimento. Mas que missão seria essa? E porque Goodman Brown não desiste de tal missão? "Meu amor e minha Faith", respondeu o jovem Goodman Brown, "apenas esta noite, de todas as noites do ano, estaremos separados. Preciso começar e terminar esta minha missão, como a chamas, entre o ocaso e o nascer do sol. Pobre Faith", pensou com o coração combalido. "Sou um desgraçado por deixa-la por tal coisa! " (HAWTHORNE, 2004, p.174). Por enquanto, o leitor não consegue ter pistas do que Goodman estava por fazer. Goodman Brown continua sua caminhada, mas sempre com o pensamento em Faith, "Seu rosto, enquanto falava, pareceu-me preocupado, como se um sonho a tivesse advertido do que está para acontecer esta noite. " (p.174). Seria possível que Faith tivesse sonhado? E o que estaria para acontecer?

Ao passo que Goodman Brown adentra a floresta, que é cheia de árvores lúgubres, um caminho solitário, em que ele imagina estar sendo observado, ele avista um homem, cujas características eram bem semelhantes as dele, tanto que o narrador diz que se

assemelham como pai e filho. Segundo o narrador, o encontro com este homem não era "inteiramente inesperado" (p.175). De certa forma, podemos perceber que o narrador deixa evidências de que Goodman Brown soubesse dos acontecimentos futuros, já que este encontro parecia ter sido combinado, mas não totalmente. Mas uma coisa nos chama a atenção, o cajado do homem misterioso: "cuja curvatura era a perfeita imagem de uma grande cobra negra, tão engenhosamente forjado que poderia mesmo ser vista enrolar-se e retorcer-se como uma serpente viva". (p.175). Tal objeto é um indício de que a figura a qual Goodman Brown encontra não é um ser comum, mas sim uma figura macabra, dando ao leitor algumas hipóteses sobre o que seria esta missão.

Por um certo momento, Goodman Brown hesita em continuar na presença do homem misterioso, de forma que chega a dizer que não seria digno continuar com tal proposta, uma vez que seus princípios o impediam de seguir adiante. "Tenho escrúpulos que me impedem de seguir adiante com a sua proposta. " (p.175). Nota-se que Goodman Brown não quer continuar, seria por medo de descobrir algo indesejado ou seria mesmo por ser um homem fiel a sua religião e viver fielmente os princípios pregados? Mas, ainda assim, o homem do cajado interpela Goodman Brown, de forma a fazê-lo continuar: "Vamos continuar andando e eu vou convencê-lo a não voltar. Além do mais, quase não avançamos pela floresta. " (HAWTHORNE, 2004,p.175). Percebemos que o homem misterioso tem algo para revelar ou mostrar para Goodman Brown, de forma a continuar com a caminhada.

A partir do momento em que Goodman Brown começa a caminhar ao lado do homem misterioso sua mente começa a se martirizar, pensando nas pessoas que ele iria encontrar no dia seguinte, pensa em seus antepassados e em como estaria envergonhando-os andando na floresta em tal companhia:

> "É muito longe! É muito longe!", exclamou Brown, voltando a caminhar sem perceber. "Meu pai nunca andou na floresta como um vagabundo e nem o pai dele. Somos uma linhagem de homens honestos e bons cristãos desde os dias do martírio; e eu serei o primeiro dos Brown a andar por este lugar." (HAWTHORNE, 2004, p.175).

Ou seja, Goodman acreditava vir de uma família bastante limpa, reta, pura. Porém, veremos que ele irá descobrir a farsa na qual seus antepassados estavam envolvidos, o que se evidencia quando o homem do cajado em forma de serpente afirma:

> " Meu caro, não diga uma coisa dessas", observou o homem mais velho, tratando de parar. "Bendito, Goodman Brown! Sou tão íntimo de sua família, a ponto de quase ser eu mesmo um Puritano; para mim é fácil

> dizer certas coisas. Ajudei o seu avô, o encarregado, quando ele prendeu a mulher quacre tão habilmente através das arvores de Salem; e acompanhei de muito perto o seu pai quando ele ateou fogo a uma aldeia de selvagens, na guerra do rei Filipe. Éramos bons amigos, os dois; e tivemos caminhadas agradáveis por aqui, voltávamos felizes depois da meia-noite. Até por respeito a eles eu gostaria de ser seu amigo." (p.176).

Goodman Brown não acredita no que ouve, pois não via corrupção em seus antepassados: "Se for mesmo como você diz", respondeu Goodman Brow, "admira-me que eles nunca tenham me falado sobre isso; ou melhor, talvez não, já que o menor rumor sobre tal coisa os expulsaria da Nova Inglaterra. Somos um povo de fé e boas ações, não toleramos tais vícios." (p.176). Podemos observar que por um certo momento Goodman Brown fica com dúvidas seus antepassados, e também sobre a sociedade na qual vivia, pois, toda a sua vida até aquele momento tinha sido baseada em dogmas pregados pela sua religião puritana e seu maior exemplo de vida era seu pai, e fica muito consternado em imaginar que toda sua vida se baseara em mentiras, em uma crença religiosa que apenas ele vivia fielmente. Ele ainda tenta argumentar, mas o homem insiste em que até mesmo os membros mais proeminentes da sociedade eram seus velhos conhecidos:

> "Vícios ou não", disse o andarilho do cajado retorcido, "tenho ótima fama aqui na Nova Inglaterra. Os diáconos de muitas igrejas bebem em minha companhia o vinho da comunhão; os melhores homens da região fazem de mim seu representante; e a maior parte das duas cortes principais apoia firmemente os meus interesses. (HAWTHORNE, 2004, p.176).

Percebe-se a desconstrução daquelas figuras ditas santas, é uma decadência de forma decrescente, de maneira que a corrupção nesta sociedade que Goodman considerava tão perfeita, começa pelos ditos mais santos e pios. Tal fato é uma demonstração clara da corrupção daquelas pessoas. Dessa forma, Goodman Brown passa a ter maior conhecimento sobre as verdades de seus antepassados, de maneira que o faz começar a desacreditar daquelas pessoas, o que faz ficar incrédulo, pois pensava conhecer muito bem todas aquelas pessoas:

> "Como pode isso? ", exclamou Goodman Brown, arregalando os olhos, cheio de espanto com a sua inabalável companhia. "No entanto, eu não tenho nada a fazer com o governador e o conselho; [...] Mas, se eu continuar contigo como poderei olhar para o nosso bom e velho pastor da aldeia de Salém? (p.176).

Mesmo ouvindo tais relatos, Goodman Brown demonstra não acreditar definitivamente naquele homem, de maneira que pensa como seria sua vida no dia

seguinte se continuar em sua presença. Goodman não está muito preocupado se é verdade o que o andarilho está falando, ele está sim preocupado com ele mesmo, sobre como ele se portaria diante de pessoas tão santas se continuasse com aquela conversa. Goodman Brown deixa evidente sua preocupação com seu próprio espírito.

Com tantas revelações, Goodman Brown fica um tanto perturbado, pensa em sua esposa Faith, em como ela ficaria magoada se soubesse do passeio e companhia no qual encontrava-se o esposo. Mas em nenhum momento ele deixa de se preocupar com sua reputação, de maneira a esconder-se para não ser reconhecido junto a essa figura diabólica:

> "É um verdadeiro espanto encontrar Goody Cloyse no meio da floresta a esta hora da noite", disse ele. "Mas, com a sua permissão, amigo, vou pegar um atalho pelas árvores até que possamos ultrapassar essa mulher cristã. Como não o conhece, ela pode perguntar quem era minha companhia e para onde eu estava indo. " (p.177).

É incrível o quanto Goodman Brown é desprovido de maldade ou qualquer julgamento maldoso, pois por mais que ele perceba algo de diferente, é incapaz de pensar algo tão malévolo de pessoas tão santas para ele, como Goody Cloyse, tanto que ele evita encontrá-la em um ambiente tão medonho como aquele. Ao tomar outro caminho para evitar encontrar-se com aquela senhora, Goodman Brown fica a observá-la e vê que ela não era assim tão santa como ele imaginava: "Aquela velha mulher ensinou-me o catecismo", disse o jovem; e havia um mundo de significados nesse simples comentário. " (p.178). Percebemos que depois que Goodman Brown observa e vê a forma como a mulher se comunica com o homem do cajado e demonstra conhecê-lo muito bem, ele fica indignado, e se lança a um mundo de questionamentos, pois como poderia uma mulher que lhe ensinou durante toda a vida os preceitos e dogmas da religião puritana estar envolvida e conhecer tão bem aquela figura maligna? Goodman Brown, ao continuar a caminhada, é a todo momento tentado pelo homem do cajado. Ele fica completamente perturbado que chega a dizer:

> "Amigo", disse ele obstinadamente, "estou decidido. Não dou um passo adiante nessa perversão. Então, porque aquela mulher desgraçada escolheu o rumo do inferno enquanto eu pensava que ela estava indo para o céu, devo eu também abandonar a minha querida Faith para ir atrás dela? ". (HAWTHORNE, 2004, p.178).

Goodman Brown fica sem chão, uma vez que tudo o que ele achava conhecer já não sabia mais se era verdade, se quem tudo lhe ensinou caminha por caminhos sombrios, o que faria ele agora? E ainda, imagina se deveria abandonar sua esposa (fé) para seguir

esta mulher, já que ela havia sido sua professora nos conhecimentos sobre fé e religião. Aqui, há a simbologia de sua esposa como sua própria fé. E mais uma vez o homem do cajado o interpela: “Você terá oportunidade para pensar melhor nisso”, seu companheiro disse com toda calma. ” (p.178). Observamos como Goodman Brown é tentado a levar em consideração todas as suas descobertas até aquele momento e se entregar de vez ao mundo da escuridão.

Goodman Brown esconde-se ao ouvir barulhos e vozes que remetiam ser de pessoas conhecidas, mas a escuridão do lugar o impedia de ver com clareza quem eram tais pessoas, mas podia ter quase certeza de que ouvira a voz do pastor e do diácono Gookin:

> “Dos dois, senhor reverendo”, disse a voz semelhante à do diácono, “eu não trocaria um jantar pelo encontro desta noite. Disseram-me que alguém da nossa comunidade de Falmonth e arredores viria para cá, e outros de Connecticut e Rhode Island, além de muitos curandeiros da selva, que, por causa de sua atividade, sabem mais de coisas diabólicas do que o melhor de nós. Além de tudo, há uma famosa jovem para ser tomada em comunhão. ” (p.179).

Vendo tal cena, Goodman Brown fica ainda mais incrédulo, se perguntando como seria possível que aquelas pessoas que ele considerava tão puras estivessem ali para comungar com o demônio. Goodman Brown não consegue entender como tudo aquilo é possível, pois para ele seria impossível viver de tal maneira, seus princípios não permitiriam. Aquelas pessoas faziam da religião uma espécie de esconderijo para seus pecados e com isso podiam viver uma vida dupla, sendo que no dia a dia agiam de uma forma e ali, durante a noite, revelavam ser de fato quem realmente eram, ou seja, não internalizavam, de fato, os preceitos religiosos do puritanismo. Porém, ele promete permanecer fiel a Deus, pelo seu amor a Faith, acredita que nada poderia corrompê-lo: “Com o céu sobre mim e Faith ao meu lado, vou me manter firme contra o diabo!”, (HAWTHORNE, 2004, p.179). Por mais que todos aqueles cidadãos estivessem se entregado ao demônio, Goodman Brown diz que não se entregará, pois por tudo que estava acontecendo ele ainda tinha um céu sobre si e Faith ao seu lado. Mas afinal, que famosa jovem seria aquela que seria tomada em comunhão naquela noite? Até o momento não sabemos, mas imaginamos que seja sua própria esposa.

A cada momento que se passa Goodman Brown vai ouvindo vozes familiares, até que ouve o som de uma voz lamentando alguma desgraça que parecia estar para acontecer: “Ouvia-se a voz de uma jovem mulher se lamentando, com incerto pesar, e pedindo por algum favor, que talvez lhe fosse um desgosto obter; e toda a invisível

multidão, os santos e os pecadores, parecia encorajar o avanço dela. ” (p.180). Com isso o jovem acha ter ouvido a voz de Faith, e grita seu nome na escuridão da noite frenética e assustadora, e de repente vê uma fita cor-de-rosa, e imagina que sua Faith havia se entregado ao demônio. “A minha Faith se entregou. [...] O bem não existe no mundo; e o pecado é só uma palavra. Venha, diabo; o mundo é seu.” (p.180). Percebemos que Goodman Brown fica totalmente atordoado com tal hipótese, sendo que não tem certeza que sua Faith tenha se entregado ao diabo, mas se isso houvesse ocorrido com ela, que era tão pura e inocente, então ficaria evidente para ele que o bem não existe. É nítido o quanto toda a sociedade em geral era imoral e falsa, pois até mesmo a imagem de sua esposa, que era para ele um exemplo vivo de bondade e inocência, é desconstruída, já que ela parecia ter se entregado ao diabo.

Movido por dor e tristeza, a fúria toma conta de Goodman Brown de forma a deixá-lo desnorteado, começando a gritar. Goodman Brown fica em estado de grande agonia, de forma a não saber o que fazer e nem para onde ir, sua mente estava agora bastante perturbada com os acontecimentos.

> A floresta inteira estava povoada de sons pavorosos – o crepitar das árvores, o uivo das feras selvagens e o brado dos índios. Às vezes o vento fazia o som do dobre do sino de uma igreja distante. De vez em quando um ruído se levantava bem ao seu lado, como se toda a natureza estivesse rindo dele. Mas a visão mais horrível da cena era ele próprio. O resto não o acovardava. (HAWTHORNE, 2004, p.180).

A floresta é um dos elementos alegóricos que causam medo e desperta os sentimentos mais profundos e aterrorizantes do jovem Goodman Brown, sendo que todo aquele ambiente passa agora a manifestar seus instintos mais pavorosos de forma a assustar e contribuir para todo o momento de agonia de Goodman Brown. A floresta representa certas manifestações diabólicas que, além de coincidirem com o estado de angústia, dúvida e dor do protagonista, causam no leitor uma maior ansiedade sobre acontecimentos futuros, a noite sombria e amedrontadora são estímulos para uma maior ansiedade dentro do conto.

Goodman era agora um ser irreconhecível, totalmente desnorteado diante de tais descobertas, estava agora como um louco desvairado, andando pela floresta sem rumo e sem saber o que estava acontecendo, logo ele que era um homem cristão fiel e que seguia os princípios pregados pela sua religião. Não sabia como se portar diante de tal situação, uma vez que sua fé estava literalmente abalada, pois tudo e todos nos quais ele confiava era agora uma grande mentira. Assim, em dúvida, sua fé não o conforta mais, mas o

angustia. A partir desse momento, percebemos que um grande ápice está por vir dentro do conto, de forma que as sequências de acontecimentos vão se intensificando cada vez mais, ao passo que Goodman Brown vai descobrindo e vendo situações e pessoas de sua total confiança em um lugar tão impróprio para eles.

> Na verdade, não havia nada na floresta mal-assombrada mais assustador que a figura de Goodman Brown. Ele se atirava entre os pinheiros negros, brandindo o seu cajado com gestos frenéticos, depois gritava uma horrível blasfêmia e gargalhava de um jeito que os ecos da floresta pareciam rir como demónios ao redor dele. O diabo em sua própria forma é menos hediondo do que quando se alastra no peito do homem. (p.181).

Goodman Brown caminha agora em direção a uma chama misteriosa no meio da floresta solitária e assustadora, ele ouvia sons misturados em uma harmonia confusa, e em um momento de silêncio busca luz para iluminar seus olhos e com isso avista uma pedra, a qual assemelha-se à um altar de forma que diz: "Aqui está uma assembleia séria e desgraçadamente infeliz", Goodman Brown falou para si mesmo. "(p.181). Realmente, ali estavam pessoas que seriam vistos por ele no dia seguinte, pessoas pias, santas, como altas damas da sociedade, esposas de honrados cavalheiros entre viúvas, virgens e respeitadas senhoritas, todas de excelente reputação. Mas o que Goodman Brown não conseguia acreditar era como pessoas tão santas e puras podiam estar juntas àquelas tidas como impuras, viciados e acusados de crimes perversos. Dessa forma, podemos perceber o elemento externo se tornando interno, no que já entendemos de Candido, em Goodman Brown, de forma que tudo no qual ele acreditava ser verdadeiro passa agora a ter outra dimensão, e significados negativos para ele, de forma que a falsidade daquela comunidade se evidencia nessa comunhão. Com tudo isso Goodman Brown lembra de Faith, "Mas onde está Faith? ", pensou Goodman Brown; e na mesma hora que o seu coração se enchia de esperança, ele tremeu. ". (p.182). De forma que ouviu novamente o hino e isso fez com ele sentisse a dúvida sobre sua esposa. O uso dos termos contraditórios "esperança" e "tremor" evidenciam que Goodman ainda não sabia se Faith havia se entregado ao demônio.

No decorrer do conto, percebemos que os acontecimentos vão despertando cada vez mais a curiosidade do jovem Goodman Brown, de forma a fazê-lo observar tudo bem de perto, mesmo que sinta uma certa resistência pelas pessoas ali presentes.

> "Ali estão", adiantou a forma obscura, "todos os que vocês reverenciam desde a infância. Nem eles se consideram tão santos. Vocês abalavam-

> se com os vossos pecados, comparando-os com a vida deles, cheios de virtudes e aspirações de santidade celestial. Pois aqui estão todos na minha reunião de adoração. Poderão conhecer nesta noite a vida secreta deles: como velhos de barba grisalha da igreja murmuram travessuras para as jovens virgens da sua casa; como uma mulher, ávida pela erva daninha da viuvez, deu ao seu marido uma bebida na hora de se deitar e deixou-o dormir o último sono no seu ombro; como jovens imberbes apressam a herança da fortuna dos pais; e como donzelas honestíssimas – sem chorar, meigas – abrem pequeninas covas no jardim, e me convocam, a única testemunha, para um funeral de criança recém-nascida. Em todos os lugares farejamos a simpatia pelo pecado – na igreja, no quarto, na rua, no campo ou na floresta – onde um crime for cometido, a terra inteira se enche de culpa, essa poderosa nódoa de sangue. Muito mais longe do que isso: é como descobrir, em cada peito, o profundo mistério do pecado, a fonte de todas as artes malignas, e às quais, sem exaustão, fornecem mais impulsos maus do que o poder humano – do que o meu mais forte poder – de facto se manifesta. E agora, minhas crianças, olhem um para o outro." (HAWTHORNE, 2004, p.183-184).

De fato, podemos notar nessa citação a figura maligna revelando a todos o quanto são impuros tanto os que se dizem santos como os que vivem o pecado abertamente. E que todos aqueles que eram respeitados desde a infância não eram assim tão merecedores de tal reverência, uma vez que praticavam às escondidas o pecado. É clara a descaracterização dessas pessoas que pareciam puras, evidenciando como a falsidade da religião vivida na comunidade é desmascarada ali, na com unhão com o demônio. Nota-se que externamente, os preceitos religiosos pareciam ser respeitados, como imagina Goodman que, de fato, os respeitava. Porém, internamente, a falsidade é o que impera nestes personagens, que na calada de noite se juntam com pecadores que eles mesmos condenavam, e com o próprio diabo, tão repelido pelo puritanismo. Assim, relembramos o que Candido (2006) afirma sobre o externo se tornar interno à personagem, já que, em realidade, estes membros tão proeminentes da sociedade de Salém, eram adoradores do diabo, mentirosos, falsos. E Goodman Brown avista sua esposa Faith, e embora o vulto falasse para todos, o que ele falava parecia encaixar muito bem para Goodman Brown e Faith:

> "Confiavam um no coração do outro, ainda tínhamos esperança de que a virtude fosse mais que um sonho. Agora não restam ilusões. O mal é a natureza do homem. O mal deve ser a sua única felicidade. Uma vez mais, crianças, bem-vindos à comunhão com o vosso povo. " (HAWTHORNE, 2004, p.184).

Até então, ele acreditava realmente que o bem pudesse existir no mundo, mas a partir daquele momento e daquela descoberta ele passa a ter outra certeza, a certeza de

que o mal é a natureza do homem, pois até sua Faith tinha se deixado corromper por tal maldade.

Para Goodman Brown, a floresta é vista como um lugar diabólico, onde todo o mal é possível, mas é justamente em tal lugar que ele enfrenta seus medos, encara o desconhecido e descobre toda a farsa das pessoas nas quais ele acreditava. Entendemos agora que, ao tomar aquela estrada deserta e escura com arvores lúgubres, Goodman Brown, na verdade, havia adentrado em um ambiente desconhecido, que pode ser seu próprio eu, sua própria vida e seus antepassados. A floresta parece um símbolo do eu interior do personagem, a entrada em um mundo interior desconhecido, escuro e sombrio. A floresta representa ainda o inconsciente de Goodman Brown, seu medo. O personagem passou a caminhar por um caminho solitário e que lhe traz a sensação de passar por entre multidões invisíveis. Goodman Brown parece ter saído em tal missão na floresta em busca de sentido e respostas para sua vida.

Presenciando todo o ritual macabro, o jovem Goodman Brown vê todas aquelas pessoas se entregando e compactuando com o demônio, de maneira que Faith também faz parte daquele ritual, e ele ainda assim tenta impedi-la: “Faith! Faith! ”, gritou o marido, olha para o céu e resista ao mal. ” (p.184). Nesse momento não se sabe o que aconteceu, sendo que por um instante Goodman Brown se encontra sozinho na escuridão da noite. A calmaria toma conta da floresta, que antes era sombria e pavorosa, agora Goodman Brown está sozinho e sem saber se o que tinha acontecido era realmente verdade ou se tinha apenas sonhado. Ao voltar para a aldeia na manhã seguinte, Goodman Brown caminha lento e desconfiado de tudo, seu semblante é agora de um homem triste e duvidoso. Ele vê todas as pessoas que encontrou na floresta e dessa forma busca de todas as maneiras evitar tais encontros. Faith é a sua maior decepção.

O narrador não revela a verdade sobre o ocorrido e, com isso, deixa para o leitor um mundo de possíveis interpretações. O conto é um misto de acontecimentos, sendo que não se pode afirmar com fiel precisão se o que aconteceu foi verdade ou apenas um sonho que teve Goodman Brown. Mas o fato é que todos aqueles acontecimentos afetaram profundamente o personagem de forma que sua vida nunca mais foi a mesma. Ele passou a viver triste, desconfiado e pensativo, de certa forma todo o ocorrido trouxe para Goodman dúvidas que ele jamais poderia imaginar ter, tendo ele a família que tinha e vivendo a vida que vivia como puritano. Tal investida teria sido em prol de seu próprio descobrimento? De sua verdadeira origem? Não sabemos, apenas imaginamos que suas expectativas foram além de qualquer receio. O conto termina mostrando que Brown

levara sua vida adiante, tendo filhos e netos, porém com dúvidas, incertezas e desconfiança, ficou sombrio, não era mais um esposo feliz, amoroso, não era mais completo, não acreditava mais em nada. Além disso, relembramos que os próprios nomes dos personagens, de forma simbólica, remetem à ideia de que o protagonista Goodman (um homem bom) não acreditava mais em sua esposa Faith (fé).

Tendo como palco a cidade de Salém, que já foi o símbolo de muitos acontecimentos relacionados à perseguição de bruxas, as alegorias utilizadas por Hawthorne no conto nos proporcionam uma melhor compreensão dos acontecimentos dentro do conto. Podemos perceber o quanto esses elementos nos ajudam a entender melhor o principal objetivo do conto, que é evidenciar a contradição dos personagens da comunidade, a dúvida de Goodman.

Tais recursos são utilizados pelo escritor também para criticar a sociedade de seu tempo e mostrar que até hoje tais situações ainda são aplicáveis, pois ele consegue, de forma hábil, expor a hipocrisia humana. Assim, evidenciou-se nesta análise que as relações entre literatura e sociedade são vistas na escrita do conto, de forma a expor que a religião puritana, nesta comunidade, tão valorizadora da pureza, da verdade, da retidão, só fazia isso na aparência, pois em essência, os membros puritanos à volta de Goodman apenas fingiam seguir estes preceitos, mas internamente não viviam a crença em sua plenitude.

4. Conclusão

Este trabalho objetivou analisar na obra *Young Goodman Brown*, usando a teoria de literatura e sociedade, como se configurava a vivência da religião puritana pelo protagonista do conto e outros membros da comunidade

Percebeu-se que o personagem Goodman Brown é caracterizado de forma bastante interessante, pois é um jovem curioso e totalmente crente, acredita na santidade das pessoas, pois acreditava que todos eles, que frequentavam a igreja, assim como ele, eram realmente santos e puros, e por mais que Goodman Brown acredite em tudo isso, ele não consegue conter sua curiosidade em querer saber o que se passa na floresta. É presenciando o que acontece lá, que Goodman Brown passa a ser uma pessoa totalmente diferente do que era antes, pois tudo aquilo em que ele acreditava se quebra e simplesmente deixa de existir, sua visão sobre o mundo e as pessoas muda drasticamente, de forma que passa a ser um homem triste e desconfiado, não acreditando mais nas pessoas e nem no mundo, sua vida torna-se uma verdadeira escuridão.

A obra revela bastante da identidade do autor, de forma que deixa transparecer suas características sarcásticas quando no conto vem trazendo uma conversa com o Demônio que deixa demonstrada a hipocrisia humana em um ritual onde revela-se a verdadeira identidade de pessoas consideradas religiosas naquela comunidade. Cheio de elementos alegóricos, o conto traz um tema bastante relevante até os tempos de hoje, que é a falsa moral, de forma que este conto de Hawthorne é, claramente, uma crítica à sociedade puritana da Nova Inglaterra do século XVII, que se mostrava tão pura por fora, mas tinha seu interior corroído. O elemento externo, a falsa moral, se mostra interno àquelas personagens que à noite encontravam-se com o diabo, mas no dia a dia fingiam praticar os preceitos do puritanismo.

Referências

CAMPUS, Breno Martins. **O Puritanismo como armadilha:** gênero e exclusão no romance A letra escarlate. 2006.(Dissertação de mestrado).

CANDIDO, Antonio Mello e Souza. **Literatura e Sociedade** – 8ª ed.- São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**; tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

HAWTHORNE, Nathaniel. O jovem Goodman Brown. In: CALVINO, ÍTALO. **Contos fantásticos do século XIX**: o fantástico visionário e o fantástico. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KARNAL, Leandro et all. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

TADIÉ, Jean-Yves. **A crítica literária no século XX**. Trad. Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 1992.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica Sociológica. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs) **Teoria Literária:** Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. P. 123-133.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Outline of American Literature.** U.S. Department of State, 1994.